



Apostolado do Oratório – Meditação dos Primeiros Sábados

Março – 2024

I Mistério Doloroso

Agonia de Nosso Senhor no Horto das Oliveiras

Seja feita a vontade de Deus e não a minha

Introdução

Diante do Tempo da Quaresma que se inicia neste mês, já nos preparando para as celebrações da Paixão, Morte e Ressurreição do Cordeiro de Deus, meditaremos hoje o 1º Mistério Doloroso: Agonia de Nosso Senhor Jesus Cristo no Horto das Oliveiras. Na noite da Quinta-feira Santa, depois de nos deixar a Si mesmo como alimento na Sagrada Eucaristia, Jesus se dirige ao Jardim do Getsêmani, onde começará seu sacrifício para resgatar o gênero humano.

Composição de Lugar

Procuremos imaginar o Jardim do Getsêmani na noite em que Jesus ali se recolheu para sua vigília antes da Paixão: um amplo horto onde se erguiam grandes oliveiras, tocadas pelos fulgores prateados de uma lua cheia que, vez ou outra, aparecia entre nuvens carregadas. O Salvador está de joelhos junto a algumas pedras nas quais seus braços se apoiam. Sua fisionomia contristada e aflita demonstra toda a amargura que Lhe inunda o Coração. Num canto afastado do jardim, os apóstolos Pedro, Tiago e João dormem pesadamente.

Oração Preparatória

Ó Mãe e Senhora de Fátima, por esta meditação, alcançai-me a graça de me unir intimamente ao sofrimento redentor de vosso Divino Filho, tendo por Ele a mesma compaixão e a mesma compreensão de suas dores, como Vós, ó Mãe, tivestes naqueles dolorosos momentos. Que, com a vossa ajuda, possa eu acompanhar meu Salvador nestes passos de sua Paixão e, com minhas preces e bons propósitos, consolá-Lo em suas amarguras. Amém.

Evangelho de São Lucas (22, 39-46): “Conforme o seu costume, Jesus saiu dali e dirigiu-se para o monte das Oliveiras, seguido dos seus discípulos. Ao chegar àquele lugar, disse-lhes: “Orai para que não caiais em tentação”. Depois se afastou deles à distância de um tiro de pedra e, ajoelhando-se, orava: “Pai, se é de teu agrado, afasta de mim este cálice! Não se faça, todavia, a minha vontade, mas sim a tua”. Apareceu-lhe então um anjo do céu para confortá-lo. Ele entrou em agonia e orava ainda com mais instância, e seu suor tornou-se como gotas de sangue a escorrer pela terra. Depois de ter rezado, levantou-se, foi ter com os discípulos e achou-os adormecidos de tristeza. Disse-lhes: “Por que dormis? Levantai-vos, orai, para não cairdes em tentação”.

I – A LUTA CONTRA O PAVOR E A TRISTEZA

Sabendo Jesus que era chegada a hora de sua Paixão, depois de haver lavado os pés de seus discípulos e instituído o Santíssimo Sacramento do Altar, no qual se nos deixou todo a Si mesmo, se dirige ao horto de Getsêmani, onde seus inimigos iriam procurá-Lo para O prender, como já era de seu conhecimento.

1. Abismo de amargura e aflição

Quando o véu das sombras desce sobre Jerusalém, as oliveiras do Getsêmani parecem-nos reconduzir, ainda hoje, àquela noite de sofrimento e de oração vivida por Jesus. Ele se destaca solitário, no centro da cena, ajoelhado no chão daquele jardim. Como cada pessoa que está diante da morte, também Cristo se sente afligido pela angústia. Aliás, a palavra que o evangelista Lucas utiliza é ‘agonia’, ou seja, luta. Então, a oração de Jesus é dramática, tensa como num combate, e o suor em gotas de sangue que se escorre pelo seu rosto é sinal de um sofrimento áspero e duro.

A sua alma está mergulhada num oceano de extrema amargura. Ele despoja a sua santa humanidade da força à qual tem direito pela sua união com a divina Pessoa, e a deixa imergir num abismo de tristeza e de angústia.

2. Jesus antevê cada sofrimento da Paixão

Naquele doloroso momento, assaltou-o um grande temor da morte tão amarga que devia sofrer sobre o Calvário e de todas as desolações que deveriam acompanhá-la. O Salvador vê antecipadamente a sua Paixão. Vê Judas, seu apóstolo amado, que o vende por algumas moedas. Vê-se arrastado pelas ruas de Jerusalém onde ainda há alguns dias O aclamavam como Messias. Vê seu povo tão amado, tão cumulado de bênçãos, que agora vocifera contra Ele, insulta-O, reclama aos gritos a sua morte sobre a cruz. Ouve as falsas acusações contra Ele. Jesus se vê flagelado, coroado de espinhos, escarnecido, apupado como falso rei. Vê-se condenado, subindo ao Calvário, sucumbindo ao peso do madeiro, trêmulo, exausto. Ei-lo chegado ao Gólgota, despojado das roupas, estendido sobre a cruz, impiedosamente trespassado pelos pregos, ofegante entre indizíveis torturas. E vê-se exalando o último suspiro.

3. Carregou sobre Si nossos pecados

Tudo isto, cena após cena, passa diante dos seus olhos, apavora-O, acabrunha-O. Desde o primeiro instante tudo avaliou, tudo aceitou. Jesus sente vivamente no espírito, mergulhado na maior solidão, tudo o que vai sofrer por ter carregado sobre Si os nossos pecados: para esta falta, tal pena; para aquela outra falta, tal outra pena...

Na história lê-se que muitos penitentes, iluminados pela luz divina sobre a malícia de seus pecados, chegaram a morrer de pura dor. Que tormento, portanto, suportou Jesus à vista de todos os pecados, blasfêmias, sacrilégios, desonestidades e de todos os outros crimes cometidos pelos homens depois de sua morte, dos quais cada um vinha com sua própria malícia, à semelhança de uma fera cruel, dilacerar seu coração?

Vendo isto, dizia então nosso aflito Senhor, agonizando no horto: “É esta, ó homens, a recompensa que vós me dais pelo intenso amor meu? Oh! se Eu visse que vós, gratos ao meu afeto, deixaríeis de pecar e começaríeis a amar-me, com que alegria iria agora morrer por vós. Mas ver, depois de tantos sofrimentos meus, ainda tantos pecados; depois de tão grande amor meu, ainda tantas ingratidões, é isto justamente o que mais me aflige, me entristece até à morte e me faz suar sangue vivo.”

Devo considerar que entre estes ingratos estou eu, que também afligi e causei amargura a meu Redentor, por causa dos meus pecados. Certo é que se eu houvesse pecado menos, menos teríeis padecido, ó meu Jesus! Senhor, quero me arrepender de todos eles e vos consolar com o meu propósito de praticar a virtude e buscar a santidade que esperais de mim, com a ajuda de vossa Santíssima Mãe, Maria.

II - ACIMA DE TUDO SEJA FEITA A VONTADE DIVINA

Nosso Senhor está prostrado, com o rosto em terra, diante da Majestade do Pai. Jaz no pó, irreconhecível, ensanguentada, a santa Face do Homem-Deus. Por quê? Para expiar a nossa arrogância e nos ensinar a nós, criaturas orgulhosas, que para alcançarmos o Céu temos de nos humilhar até a terra.

1. Assumiu nossa fraqueza para nos tornar fortes

Em seguida, Jesus se levanta, volta para o Céu um olhar suplicante, ergue os braços, reza. Cobre-Lhe o rosto mortal palidez! Implora ao Pai com confiança filial, mas sabe bem qual o lugar que Lhe foi marcado. Sabe-se vítima a favor de toda a raça humana, exposta à cólera de Deus ultrajado. Sabe que só Ele pode satisfazer a Justiça infinita e conciliar o Criador com a criatura. De um lado, a sua natureza está literalmente esmagada e se insurge contra tal sacrifício; de outro, o seu espírito está pronto à imolação e o duro combate continua.

“Jesus, como podemos pedir-vos para sermos fortes, quando vos vemos tão fraco e acabrunhado?” -- pergunta São Pio de Pietrelcina. E responde: “Sim, compreendo! Tomastes sobre Vós a nossa fraqueza. Para nos dardes a vossa força, vos tornastes a vítima expiatória. Quereis ensinar-nos como só em Vós devemos depositar confiança, até quando o Céu nos parecer duro como o bronze.”

2. “Se é possível, afasta de mim este cálice”

Na sua Agonia, Nosso Senhor é assaltado por uma grande repugnância pelo que devia sofrer e por isso suplica ao Pai que o livre disso: “Meu Pai, se for possível, afasta de mim este cálice”. É o grito da natureza que, abatida, recorre cheia de confiança ao Céu. Embora saiba que não será atendido, porque não deseja sê-lo, contudo suplica pelo socorro do alto.

Meu Jesus, por que pedis o que não podeis obter? Que mistério vertiginoso! A mágoa que vos dilacera vos faz mendigar a ajuda e o conforto, mas o vosso amor por nós e o desejo de nos levar a Deus vos faz dizer: “Não se faça a minha vontade, mas a vossa”.

3. A grande lição de Jesus no Horto das Oliveiras

No mesmo instante em que se submeteu à vontade do Pai, apareceu-Lhe um Anjo para confortá-Lo. Então compreendemos a grande lição de Jesus no Horto das Oliveiras: Ele orou assim para nos ensinar que bem podemos pedir a Deus nas tribulações que nos livre delas, mas ao mesmo tempo devemos nos submeter à sua vontade e dizer então como Jesus: “Contudo, não se faça como eu quero, mas como Vós quereis”.

Sim, meu Jesus, não se faça a minha vontade, mas a vossa. Eu aceito todas as cruzes que quiserdes enviar-me. Vós, inocente, tanto sofrestes por meu amor; é justo que eu, pecador, merecedor das penas do inferno, padeça por vosso amor tudo o que determinardes. Que eu saiba me resignar diante da dor, do sofrimento, e até da derrota e do fracasso, se for preciso. E a exemplo do que ocorreu convosco no Horto, a graça divina me consolará também, sob o maternal amparo de Maria Santíssima, que nunca nos abandona em nossas provações.

III - VIGIAR E ORAR PARA CONSOLAR JESUS

Nosso Senhor não queria estar sozinho naquela noite no Horto das Oliveiras. Seu Coração desolado tinha sede de ser confortado. Por isso havia levado consigo os três apóstolos e pedido a eles que vigiassem e orassem, unidos a Ele. Depois que o Anjo se afastou, Jesus levanta-se, dá alguns passos vacilantes e se aproxima dos discípulos que deveriam estar acordados. Estes, pelo menos, os amigos de confiança, hão de compreender e partilhar da sua mágoa.

1. Orar e vigiar para não cair em tentação

Jesus, porém, os encontra adormecidos! A emoção, a hora tardia, o pressentimento de alguma coisa horrível e irreparável, a fadiga, e ei-los mergulhados em pesado sono. Nosso Senhor tem piedade de tanta fraqueza. “O espírito está pronto, mas a carne é fraca”. Acorda-os e os interroga, num tom ao mesmo tempo de censura e de compaixão: “Não podeis velar uma hora comigo?” E, não pensando senão no bem dos seus seguidores, os adverte: “Levantai-vos e orai, para não cairdes em tentação”.

Jesus parece dizer-lhes: “Se me esquecestes tão depressa, a Mim, que luto e sofro, pelo menos no vosso próprio interesse, velai e orai!”. Mas eles, tontos de sono, mal O

ouvem.

Ah, Senhor, essa advertência é também dirigida a mim, que tanto Vos tenho ofendido por minhas faltas, e tanto tenho “dormido” nos cuidados com minha alma, em vez de vigiar e de rezar para não cair em tentação! Perdoai-me, Senhor, por minhas debilidades que vos causaram dor e aflição no Jardim das Oliveiras. Dai-me forças para emendar-me de meus defeitos e não mais me deixar levar pelo sono da tibieza e da preguiça espiritual que me separam de Vós.

2. Consolemos o Coração de Jesus

Por fim, já não havia mais tempo para o sono dos discípulos. Os inimigos se aproximavam e a Paixão do Senhor iria se desenrolar em todo o seu cruel sofrimento. Jesus exclama: “É a hora do poder das trevas! De livre vontade entrego-me à morte redentora. Judas acorre para trair-me, e Eu vou ao seu encontro. Permitirei que se cumpram à risca as profecias. Chegou a minha hora: a hora da misericórdia infinita.”

“Ó meu Jesus”, exclama São Pio de Pietrelcina, “quantas almas generosas, ao contrário dos apóstolos adormecidos, tocadas pelos vossos lamentos, vos fazem companhia no Jardim das Oliveiras, compartilhando da vossa amargura e da vossa angústia mortal. Quantos corações têm respondido generosamente ao vosso apelo através dos séculos! Possam eles vos consolar e, participando do vosso sofrimento, possam eles cooperar na obra da salvação!”

Possa eu próprio, Senhor Jesus, ser desse número e vos consolar um pouco, aceitando com amor as penas e aflições desta vida de exílio. Uno-me com toda a veemência aos vossos méritos, às vossas dores, à vossa expiação, às vossas lágrimas, para poder trabalhar convosco na obra da salvação. Possa eu ter a força de fugir ao pecado, causa única da vossa agonia, do vosso suor de sangue, e da vossa morte.

CONCLUSÃO

Encerremos esta meditação, fazendo o firme propósito de atendermos ao apelo do Divino Mestre, permanecendo vigilantes e em atitude de oração ao lado d’Ele, enquanto suas dores e aflições redentoras se manifestam no Horto das Oliveiras. Que Maria Santíssima, a Mãe Dolorosa e plena de misericórdia, nos recomende a este Filho afligido e triste por meu amor. Contemplemos, uma vez mais, o Cordeiro de Deus que veio tirar os pecados do mundo, acabrunhado de amargura num recanto do Getsêmani. E em vez de nos deixar abater pelo sono da indiferença, elevemos com Ele nossas preces ao Pai, pedindo forças para enfrentarmos com ânimo e confiança todas as provações que a Divina Providência permitir em nossa vida.

Contemos, para isso, com o incansável e terno socorro de nossa Mãe Celestial, a quem suplicamos com todo o fervor:

Salve Rainha...

Referências bibliográficas:

Baseado em:


Santo Afonso de Ligório, *A Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, piedosas e edificantes meditações sobre os sofrimentos de Jesus*, edição em PDF por Fl. Castro, 2002

São Pio de Pietrelcina, Meditação sobre a Agonia de Jesus no Horto (acessível em www.passiodomini.wordpress.com)

Monsenhor João S. Clá Dias, Meditação do Primeiro Mistério Doloroso (acessível em www.arautos.org)

Apostolado do Oratório

Av. Maria Amália Lopes de Azevedo, 460 - São Paulo/SP

Telefone: (11) 2973-9477 -  (11)98872-1366

E-mail: atendimento.oratorio@arautos.org.br

Blog: <https://oratorio.blog.arautos.org/>

Facebook: <https://www.facebook.com/arautos.oratorio/>

Instagram: <https://www.instagram.com/arautos.oratorio/>